

Fundamentação dos fundamentos.

Gianfranco Ravasi

Fundamentalismo. O termo, que hoje associamos ao extremismo islâmico, originou-se em 1895 no âmbito **cristão-protestante**. Um livro analisa sua história, razões e desenvolvimentos. Ninguém teria imaginado há vinte anos que, em nível médio e até mesmo popular, entrasse a fazer parte do uso geral um específico léxico árabe de natureza homogênea, posto à insígnia do terror.

- Iniciou com Jihad , literalmente "esforço, empenho", que se tornou, no entanto, **sinônimo de "guerra santa"**, com seus relativos combatentes mujahidin .
- Depois se passou a conhecer a **sharija**, a legislação sagrada e até mesmo a pregação salafita, ou seja, a dos **mestres ortodoxos** "ancestrais".
- Depois dominaram os Taleban, isto é, os "estudantes" de teologia, e o termo **al-Qaeda**, "a base", com seu porta-bandeira **Osama bin Laden**, substituído pelo **ISIS (Estado Islâmico do Iraque e Síria)** simplificado para EI e, mais corretamente, no árabe **Daesh** (Dawla al-Islamiyya fi al-iraqi wa sh-Sham), na prática o califado ("vicariato, sucessão" do Profeta) proclamado por **Abu Bakr al-Baghdadi** em **Mosul** em 2014.

E muitos sabem que na **Somália** proliferam os **al-Shabaab**, "os jovens", e na **Nigéria** o Boko Haram ("a educação ocidental é um pecado"), figuras lúgubres que matam sem misericórdia gritando **Allah hu akbar!**

No entendimento comum, o fio condutor desse léxico é o termo "**fundamentalismo**", que geralmente é explicado como uma "literalidade" em relação aos ditames do **Alcorão ou da tradição islâmica**.

De fato, esse vocábulo nasceu no âmbito cristã e precisamente em 1895, em uma encantadora cidade no estado de **Nova York, Fort Niagara**. Naquela ocasião um **Congresso Bíblico Protestante** de matriz conservadora havia definido - contra a nova teologia liberal, a

exegese histórico-crítica e as tendências seculares da sociedade norte-americana - os "fundamentos" intangíveis da fé cristã. Era uma espécie de pentagrama teológico a ser assumido literalmente, sem recorrer a nenhuma hermenêutica suspeita de diluir sua substância.

Aqueles "fundamentos" eram

1. a inerrância verbal da **Bíblia**,
2. a divindade de Jesus Cristo,
3. seu nascimento virginal,
4. a doutrina da redenção vicária por ele operada a nosso favor com a expiação em sua morte e, finalmente,
5. a sua e a nossa ressurreição corporal.

Assim se delinearão uma literatura teológica e pastoral orientada de acordo com essas bases, uma Bíblia comentada (a Bíblia de Referência Scofield) e uma associação internacional. Mas o evento mais retumbante que divulgou o movimento na opinião pública foi o chamado "julgamento do macaco", celebrado no tribunal em 1925 em Dayton contra um professor defensor do evolucionismo, **John Thomas Scopes**, denunciado pelo líder dos fundamentalista **William Jennings Brian**, que anteriormente havia exercido o cargo de Secretário de Estado durante a presidência de Wilson.

A abordagem fundamentalista, que implicitamente já havia sido adotada por outras religiões, posteriormente iria adquirir importância **sociopolítica** até atingir um ápice inflamado nestas últimas décadas e não apenas na área islâmica, mas também em outras culturas religiosas (como, por exemplo, o **hinduísmo** ou às **Testemunhas de Jeová** e outros grupos radicais ultraconservadores). Um pequeno livro se propõe a delinear suas características de uma forma muito animada, mas também bastante documentada, que pode ser lido quase como uma narrativa, apesar da articulação rigorosa do tema. Sob o título **In nome di Dio** (Em nome de Deus, em tradução livre), em que, no entanto, Deus está riscado com uma marca vermelha, um famoso exegeta bíblico, **Sebastiano Pinto**, professor da Universidade Gregoriana de Roma, traça um enredo que tece análises de viés teológico, sociocultural e até mesmo psicológico com uma série de exemplos muito incisivos.

É evidente que a questão de base que se prende ao redor do **fundamentalismo** é a **hermenêutica**. A "inspiração" divina das **Sagradas Escrituras** é concebida substancialmente como um ditado material por parte de Deus. Ignora-se que a Palavra transcendente se comunica através de um mediador humano e, portanto, com uma linguagem contingente, com um conteúdo preciso e real, sim, mas condicionado por coordenadas histórico-culturais. É o que, por analogia, acontece com a **Encarnação do Verbo Divino** na "carne" da humanidade, celebrada no famoso prólogo do **Evangelho de João** (1,14) e centro da fé cristã. Sem um ato interpretativo que extraia o fundamento autêntico da mensagem bíblica de seu revestimento verbal, corre-se o risco de cair em uma série de paradoxos que **Pinto** ilustra brilhantemente.

Basta pensar no concordismo, segundo o qual se deveria apoiar, com base na **Bíblia**,

- que o universo foi criado em seis dias,
- que o dilúvio envolveu todo o planeta e não uma região circunscrita evocada inclusive por textos mesopotâmicos paralelos,
- que o movimento da Terra (na realidade, do sol, de acordo com as Escrituras) foi bloqueado pelo "Sol, detém-te!" gritado por **Josué** durante uma batalha e assim por diante.

Ainda mais arriscado seria o recurso às páginas violentas da Bíblia que algumas vezes propõem a guerra santa. Calcula-se que

- em pelo menos 1000 passagens do **antigo testamento** a ira de Deus castiga, vinga, aniquila;
- em 600 descrevem-se massacres e guerras;
- em 100 é o próprio Deus quem ordena a execução de pessoas.

O que dizer, então, das verdadeiras e próprias charlatanices que são deduzidos dos textos bíblicos sobre extraterrestres ufológicos, semelhantes a anjos alienígenas? As mulheres, aliás, deveriam ser mudas e submissas, se determinadas advertências paulinas fossem tomadas literalmente, independentemente do contexto histórico e social em que são colocadas, assim como acontece com determinada concepção misógina ou patriarcal do Antigo Testamento. E, novamente,

o que deveria fazer o fiel que quer ser literal em sua obediência ao texto, quando Jesus o convida a extirpar o olho que escandaliza?

Repetimos que a interpretação do texto é necessária para adquirir sua "verdade" real e não aquela aparente. O fetichismo da escrita não garante a adesão à substância autêntica que oculta dentro de si. Nos próprios Evangelhos, por exemplo, ao narrar os eventos e os ditados de Jesus, procede-se a uma interpretação da mensagem subjacente e à sua atualização, sobretudo à luz da ressurreição-glorificação de Cristo. Nessa perspectiva, explica-se a existência de **quatro Evangelhos**, cada um com sua própria perspectiva hermenêutica que também tem implicações histórico-literárias: um exemplo disso pode ser a leitura da dupla e diferente redação das bem-aventuranças em **Mateus** (5,1-12) e em **Lucas** (6,17-26). E finalmente, voltando ao ponto de partida, o problema central da exegese corânica reside precisamente na rejeição geral de toda abordagem hermenêutica ao texto, e é também por essa razão que **Pinto** reserva seu último capítulo precisamente ao **fundamentalismo islâmico** e às suas obsessões, com resultados muitas vezes dramáticos.

#Alguém e algo

Não é possível perdoar o assassinato ou o roubo, só se pode perdoar o assassino ou o ladrão. Dirigindo-se para alguém e não a algo, o perdão é revelado como um ato de **amor**. Há anos conheço Julia Kristeva, a famosa semióloga e psicanalista; juntos colaboramos no diálogo entre crentes e não crentes; eu li muitos de seus textos intensos e muitas vezes emocionantes; também segui seu itinerário sofrido apesar de feliz como mãe. São dela as palavras propostas, capazes de fazer refletir de modo verdadeiramente **cristão** (Julia não é crente) sobre o tema sempre delicado do perdão: o entrelaçamento é mais uma vez aquele entre a justiça e o amor. A primeira aponta para "algo", isto é, para a recomposição de uma realidade violada e infringida. O segundo, por sua vez, é um "dom" destinado a "alguém", a uma pessoa. Kristeva conclui: "**Pedir perdão** pelo mal cometido, **conceder perdão** pelo mal sofrido são duas condições necessárias para que o futuro deixe de repetir o passado e possa renascer a esperança".

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587822-fundamentacao-dos-fundamentos>